

'APERTO'. Alta de preços e de taxas obriga famílias a cortar custos, sacrificando o lazer e o conforto

Crise econômica leva alagoanos a mudar hábitos

Planejamento é aconselhável para manter o controle do orçamento

FÁTIMA ALMEIDA
REPÓRTER

Contas na ponta do lápis. Planilhas, cortes, adaptações do orçamento e prioridades. Com a crise que vem se acentuando a cada mês e refletindo na vida das famílias alagoanas, o jeito é mudar alguns costumes, economizar onde puder para não perder o controle das despesas no orçamento familiar.

E como não dá para escapar da mensalidade escolar, do aumento nas contas de água e energia e dos preços que parecem multiplicar no carrinho da feira, em tempos de crise, o prejuízo acaba afetando, logo no primeiro plano, a cota destinada ao lazer e ao conforto. Tem muita gente cortando no cinema, nos passeios em família, no jantar fora de casa e

até no auxílio dos serviços domésticos para manter as contas em dia.

Foi o que fez a família Carvalho. Com sete filhos – um deles deficiente – e uma renda mensal de R\$ 15,5 mil, o casal João e Mércia Carvalho mantém o orçamento planejado e rigorosamente controlado por meio de planilhas fechadas mês a mês, onde entram todos os gastos, desde as despesas maiores, como condomínio, aluguel, escola, supermercado, até a padaria, a gorjeta, o estacionamento e a tarifa bancária.

Mas esse controle não impediu a surpresa desagradável de fechar o mês de janeiro com déficit de R\$ 2,3 mil na relação entre o planejamento e a execução de gastos do orçamento. E não foi nas taxas de IPTU, IPVA, seguro do carro e material escolar que houve o estouro.

Esses gastos, que geralmente se projetam no começo do ano, ficaram dentro da previsão. O que estourou foi a conta do

supermercado, dos gastos com alimentação e higiene. Projetados em R\$ 1,3 mil, eles chegaram a R\$ 2,1 mil em janeiro. A energia também surpreendeu, ultrapassando a previsão em mais de 70% no mês.

CORTES

O aporte para completar a cobertura da diferença no mês de janeiro veio da poupança, onde o casal guarda 10% do superavit entre receita e despesa de todos os meses. Mas o alerta piscando na luz amarela mostrou que era hora de fazer ajustes nas contas, de cortar de um lado para cobrir o indispensável e manter os compromissos da família em dia, sem ter que abalar as reservas financeiras.

Nas despesas fixas, onde entram o plano de saúde, a escola dos filhos menores, o aluguel, a prestação do carro, não deu para mexer. A fisioterapia, os remédios, fraldas e cuidados com o filho especial, que sofre de um tipo de paralisia, nem pensar.



Na casa de Mércia Carvalho, o sinal amarelo acendeu quando as despesas superaram as receitas

Ponta do lápis

Com renda mensal de R\$ 15,5 mil, o casal João e Mércia Carvalho mantém o orçamento planejado e rigorosamente controlado por meio de planilhas fechadas mês a mês.

Não foi fácil, mas Mércia e João tiveram que dispensar a empregada doméstica e substituí-la por uma diarista.

Depois, nem isso. Apesar de muito trabalho fora de casa, Mércia passou a assumir funções domésticas, como preparar a alimentação, lavar e passar

roupa. E a faxina, uma vez por semana, passou a ser atribuição de toda a família, assim como o compromisso de manter a casa em ordem.

Como a situação continuou apertando, o jeito foi promover mais arroxo no meio do ano. Segundo Mércia, no escritório jurídico e contábil da família, o movimento caiu e a inadimplência aumentou nos últimos três meses, impondo mais arrocho. O cinema em família, uma vez por semana, virou programação mensal; o hábito de sair para comer fora nos fins de semana foi substituído pela alimentação doméstica, e a família inteira teve que assumir compromissos de economia.

O esforço deu resultados. Na planilha de agosto, houve um pequeno superavit. "Reserva de 10% na poupança", destaca Mércia Carvalho. Afinal, na avaliação dos economistas, a crise que se estabeleceu no País não é coisa passageira. De acordo com as previsões baseadas em estudos da conjuntura econômica nacional e internacional, o mais recomendável é se preparar para conviver com ela, pelo menos, até 2016.

E, como diz nossa entrevistada, toda crise deixa uma lição, e, para Mércia, a principal delas é que, mesmo nos tempos de futuro, é preciso economizar e poupar para enfrentar os dias difíceis.

Ideal é apertar o cinto e honrar os compromissos

De acordo com a economista Luciana Caetano, professora da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a crise vivida atualmente se sustenta em pelo menos dois fatores elementares: o custo de vida e a alta do dólar, que semana passada chegou bem perto dos R\$ 4,00.

Isso reflete, diretamente, em produtos que constituem a cesta básica de alimentos do povo brasileiro, a exemplo dos derivados do trigo, produto importado que garante a fabricação do pão, do macarrão, da massa de bolo e de outros alimentos.

Somem-se a isso, os reajustes de tarifas, como a água e a energia, que acabam refletindo, não apenas na conta do consumo em si, mas em outros gastos, como condomínio e os combustíveis – que refletem diretamente no transporte –, e acabam chegando ao supermercado e à mesa de todos os brasileiros. As projeções do Banco Central são de que a energia acumule aumento de 49,2% em 2015. Para o gás de cozinha, a projeção é de 15%. Já a gasolina deve fechar com um acumulado de 8,9%. E grande parte desses reajustes já aconteceu no primeiro semestre.

De acordo com Luciana Caetano, a sensação de perda no poder de compra do trabalhador é ainda maior no segundo semestre, quando os salários, geralmente reajustados no começo do ano, começam a apresentar defasagem, sobretudo para as categorias que ganham até

dois salários mínimos, realidade de 70% da população brasileira, e de um percentual ainda maior da população alagoana. Pior ainda para quem teve reajuste abaixo da inflação, ou não teve reajuste no primeiro semestre, como a maioria das categorias de servidores públicos.

INADIMPLÊNCIA

Contas na hora de pagar, contas na hora de pagar. A crise recomenda bom senso, racionalidade e boa gestão dos recursos. Afinal, os efeitos colaterais gerados pela inadimplência podem desestabilizar ainda mais a economia em geral.

Mas quando, apesar de todo esforço, o orçamento não fecha, é preciso cuidado na hora de estabelecer prioridades, recomenda a economista Luciana Caetano. Atrasar ou deixar de pagar o cartão de crédito, nem pensar. Os juros são altíssimos e os parcelados geram uma espécie de bola de neve que pode se tornar insustentável.

Nesses momentos, segundo ela, despesas como o condomínio são as que geralmente entram na primeira ordem da inadimplência, o que acaba afetando a todos os moradores com a sobrecarga das despesas que não podem ser cortadas.

O ideal mesmo, recomenda a economista Luciana Caetano, é a consciência coletiva e apertar o cinto, readequar o padrão de consumo e tentar honrar os compromissos assumidos, antes de contrair outras despesas. FA

Desemprego aumenta as dificuldades

Se está ruim para quem tem emprego, imagine para quem está desempregado, à procura de um lugar no mercado. É aí onde a crise toma um dimensão ainda maior para estados pequenos, como Alagoas, cuja taxa de desemprego atingiu a margem dos 11%, bem mais alta que a média nacional, que está em 8%.

Reflexo da queda bruta na indústria de transformação, puxada pela crise do setor sucroalcooleiro, até pouco tempo o principal eixo da economia alagoana. Nos últimos três anos, segundo a economista Luciana Caetano, o setor perdeu 15 mil postos de trabalho, com o fechamento de algumas usinas e a redução na produção de outras.

Impacto importante, também, foi a retração na indústria da Construção, outro setor igualmente importante na geração de empregos, sobretudo para as chamadas categorias de baixa renda.

Tudo isso tem reflexo em outros setores, como o Comércio, que sofre com redução nas vendas. E nem mesmo a injeção dos recursos do 13º salário, que para algumas categorias começa a ser liberado a partir do final deste mês, é capaz de animar o setor. A projeção, segundo a economista, é de que as contratações temporárias, que geralmente acontecem a partir de outubro, sofram retração este ano, devido à perspectiva de queda nas vendas devido ao menor poder de compra da população.

Mesmo assim, Luciana Caetano assegura que a si-

tução não é de desespero, e lembra que o Brasil já enfrentou momentos piores, como nas décadas de 1980-90.

PESSIMISMO

Ela reconhece, no en-

tanto, que desde 2010, este é o pior momento vivido pela economia brasileira e que a previsão não é otimista para os meses finais de 2015 e o ano de 2016.

Destaca, no entanto, que esta é uma crise mui-

to mais atrelada às dificuldades internas do governo em negociar com o Congresso, reforçada pela desaceleração da economia mundial, do que uma crise gerada pela má gestão. FAO